

Rubens de Mendonça
Da Academia Mato-grossense de Letras
e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

José de Mesquita

Artigo publicado no Jornal “O Estado de Mato Grosso”, em Cuiabá, a 10 de março de 1985

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

José de Mesquita

Uma personalidade que marcou época na literatura mato-grossense foi JOSÉ DE MESQUITA. Como todo escritor brasileiro, iniciou a sua vida literária publicando em livro intitulado POESIAS, muito bem impresso, ótimo trabalho da Tipografia J. Pereira Leite. João Pereira, o interessante era que naquele tempo em Cuiabá se editavam boas obras em perfeito trabalho gráfico. Por exemplo, o estabelecimento de Avelino de Siqueira trabalhava muito bem, a tipografia das Escolas Profissionais Salesianas também fazia trabalhos perfeitos. Dos seus trinta e um livros, apenas quatro não foram editados em Cuiabá e entretanto ele afirmava que “publicar livros em Cuiabá constitui uma das formas modernas de heroísmo”.

Mesquita nunca foi bem estudado. Quando ele exercia a presidência do Tribunal de Justiça (10 anos), era bajulado devido ao alto cargo e não estudado honestamente. Entretanto ele representa o maior esforço, a maior dedicação à cultura matogrossense. Era poeta, historiador, romancista, jornalista e *conteur*.

Viveu para a Academia Matogrossense de Letras desde a sua fundação, a 7 de setembro de 1921, até o dia em que fechou os olhos para a vida, 22 de junho de 1961.

Tinha paciência de um beneditino. Eu sei o que significa pesquisar e imagino Mesquita pacientemente pesquisando a genealogia cuiabana. Estudando as origens das famílias da terra e foram nada menos que 14 títulos: André Gaudie Ley, em três partes; José Barnabé de Mesquita (Senaior); Manuel Nunes da Cunha, Barão de Poconé; Joaquim Gomes da Silva, Barão de Vila Maria; Antônio de Cerqueira Caldas, Barão de Diamantino; Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, Barão do Forte de Coimbra; Firmo José de Matos, Barão de Casalvasco; Antônio Maria Coelho, Barão de Amambaí; Corrêa da Costa; Prados e Figueiredos; Alves Corrêa e Moreira Serra; Mesquita Muniz e Pinhos e Azevedos. São pesquisas sérias de um verdadeiro historiador.

PIEDADE é o único romance cuiabano, verdadeiramente cuiabano. Passa-se em Cuiabá, com cenários regionais. Ninguém lhe podia exigir uma técnica de romance moderna, ele tinha a grande influência de Machado de Assis e ninguém ignora que Machado foi o maior romancista brasileiro. Ele pintava o Rio de Janeiro do seu tempo, como Mesquita pintou Cuiabá em PIEDADE.

Agora falemos um pouco de *conteur*. Seu primeiro livro de contos foi publicado em 1928: A CAVALHADA, contos matogrossenses. ESPELHOS DE ALMAS, contos, prêmio da Academia Brasileira de Letras, obra editada por A. Coelho Branco Fº, Rio de Janeiro, 1932. Notam-se neles a influência machadiana.

José de Mesquita marca uma época na história de Mato Grosso, sobretudo na sua evolução cultural. Homem afeito à luta, José de Mesquita nunca esmoreceu, sabia ele que os homens passam, mas as suas obras ficam. E por isso o seu nome viverá através dos séculos, imortalizado nas suas produções históricas e literárias. Quando os futuros historiadores consultarem a história

pátria, seu nome será lembrado como um dos grandes pesquisadores do nosso passado.

É isso, sem dúvida, o que constitui a imortalidade acadêmica, viver eternamente, inextinguivelmente, gloriosamente, dentro de suas obras, dando lição aos estudiosos do futuro da nossa história. Ele continua vivo dentro dos seus livros, quando consultado, mostra os rumos certos em que o paciente pesquisador gastou meses, anos e anos, em busca da verdade, para ser útil à quem, num futuro remoto, buscar o saber nas páginas das suas obras históricas. E essa a recompensa, essa é sem dúvida a imortalidade acadêmica, porque riqueza, o ouro, a força física e tudo o mais ficará esquecido. Quando se pensa num país, escreveu Álvaro Moreira: “não é nos reis que o governam, que se pensa. São nos poetas, nos músicos, nos seus pintores, arquitetos, artistas e filósofos, em todos os homens de espírito. Para não ir muito longe, sempre que me lembro de Portugal, entro logo a conversar com Gil Vicente, Bernadim Ribeiro Camões, o Padre Bernardes, Frei Luis de Souza, Garret, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Antônio Nobre... Quero lá saber dos Pedros, dos Josés, dos Miguéis! Depois de D. Diniz, o Lavrador, que ajudou a a criar a língua, ainda me posso deter um pouco à espera de D. Sebastião, por hereditariedade: meu avô fez isso”, e assim prossegue o autor de “AS AMARGAS, NÃO”. Ninguém pensará em Mato Grosso, sem evocar a figura de José de Mesquita.

Essa imortalidade não é tão precária, como afirmou certa vez Gervásio Leite, ela conduz um nome glorioso por todo o sempre.

Não existe fronteiras, nem nacionalidade para a inteligência, ela atravessa os continentes para levar o nome de Goethe à vila mais obscura da terra, ou melhor, como queria Lucano:

“Ó sacer et magnus vatum labor! Omnia fato Eripis, et populis donas mortalibus aere”.

Sim, dás a imortalidade aos povos mortais, o magnífico e sagrado trabalho dos poetas e José de Mesquita foi poeta, e poeta, como no dizer do saudoso Arcebispo Dom Aquino Corrêa: “das evocações melancólicas e suaves do passado”.

Neste artigo de jornal, não dá para se fazer uma interpretação da obra de José de Mesquita. Por isso vamos encerrá-lo com este seu maravilhoso soneto:

ASCENSÃO

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismo maus, que abrem fauces escuras
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sobe. E na ascensão, entre angústia e torturas,
trons de ira e de despeito, ápodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.